

Conta corrente está na pauta da divergência

Para BC, algum déficit nas transações externas é até positivo para o País; Fazenda discorda e vê risco à estabilidade

205

BRASÍLIA

Passada a reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), nos próximos dias 15 e 16, ressuscitará com mais força a discussão em torno do buraco no balanço de transações correntes. Ministério da Fazenda e Banco Central (BC) também têm posições diferentes sobre o risco de elevação do déficit nessa conta em decorrência de um novo aumento da taxa de juros.

Para o BC, a poupança externa (contrapartida do déficit) é vista como um mecanismo saudável para financiar os investimentos no País; para a Fazenda, ao contrário, há risco de a elevação da poupança externa provocar a redução da poupança interna e aumentar a vulnerabilidade externa.

“Estudos empíricos indicam que um alto déficit em conta corrente é prejudicial ao crescimento por causa da vulnerabilidade externa associada a tal situação”, diz um texto recentemente apresentado pelo secretário de Acompanhamento Econômico do Ministério da Fazenda, Nelson Barbosa, em um seminário promovido pela Fundação Getúlio Vargas.

Durante o Plano Real, por exemplo, o aumento do déficit em conta corrente (contabilmente igual à poupança externa) foi acompanhado pela redu-

ção da poupança interna, sem nenhum efeito positivo sobre a taxa de investimento. Essa constatação está na base das críticas que o ex-ministro Luiz Carlos Bresser-Pereira fazia ao ex-presidente do BC Gustavo Franco, também defensor de que o Brasil operasse com déficit externo para aproveitar a liquidez internacional.

Na atual polêmica entre BC e Fazenda, a equipe de Mantega teme justamente que a alta dos juros no Brasil – num momento em que os juros nos Estados Unidos caem – pressione a taxa de câmbio ainda mais para baixo (ou seja, importações mais baratas), agravando a situação das contas externas.

“BONS PROBLEMAS”

No mês passado, o BC reviu sua projeção de déficit em conta corrente, elevando-o de US\$ 3,5 bilhões para US\$ 12 bilhões em 2008. O salto se deveu ao crescimento das importações e à crise internacional.

“Mas é um déficit pequeno se comparado com países de igual porte do Brasil”, disse o chefe do Departamento Econômico do BC, Altamir Lopes, ao divulgar os dados. Ele acrescentou que o déficit é “perfeitamente financiável” pelos ingressos de investimentos estrangeiros diretos e pelos empréstimos externos a serem tomados pelas



ALERTA – A equipe de Mantega teme que uma alta dos juros aprofunde o déficit em conta corrente

TIROTEIO

Nelson Barbosa
Secretário do Ministério da Fazenda

“Um alto déficit em conta corrente é prejudicial ao crescimento”

Altamir Lopes
Chefe do Departamento Econômico do BC

“É um déficit (US\$ 12 bi previsto para 2008) pequeno para um país do porte do Brasil”

empresas brasileiras. O déficit de fevereiro foi de US\$ 1,4 bilhão, um recorde para o mês.

Olhando em detalhe, constata-se que o déficit de 2008 tem sido provocado, basicamente, por “bons problemas”. De um lado, o saldo tem sido pressionado pelo elevado volume de importações, mas essas são majoritariamente de máquinas e equipamentos. Ou seja, são os investimentos das empresas para ampliar sua produção que têm pressionado a balança comercial.

Dolado financeiro, é regis- tra-

da forte saída de recursos do País para pagamento de lucros e dividendos. Também nesse caso, o problema só existe porque empresas estrangeiras que atuam no Brasil estão obtendo lucros elevados. Por isso, alguns especialistas consideram que um pouco de déficit em conta corrente é sinal de saúde da economia.

Para o ex-secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda Júlio Sérgio Gomes de Almeida, essa lógica está ultrapassada. “A fase do déficit saudável durou de 1997 a 2002”, dis-

se. “Acabou quando o mercado financeiro internacional passou a avaliá-lo como sinal de fragilidade.” O ideal para um país como o Brasil, na sua opinião, é manter as contas equilibradas.

Almeida acha que o déficit em conta corrente de 2008 estimado pelo Banco Central não é preocupante porque o nível das reservas internacionais está elevado e funciona como uma espécie de garantia. “Para 2009 e 2010, corremos mais risco de voltar à situação de fragilidade”, advertiu.

O ex-diretor do BC Carlos Thadeu de Freitas também acha que a manutenção do déficit em transações correntes é arriscada. “O problema do déficit em conta corrente é que ele é como uma gravidez: começa pequeno, mas depois de nove meses está enorme.”

Também o ex-ministro do Planejamento João Paulo dos Reis Velloso alertou, durante reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES), na última terça-feira, para o risco de o déficit em transações correntes se converter em um fator de vulnerabilidade externa. Ele avaliou que, por enquanto, o Brasil não sofre desse problema, mas a crise internacional faz com que as decisões econômicas sejam tomadas “sob o signo da incerteza”. •

S.G. e L.A.O.

BETO BARATA/AE-1/4/2008